

<http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s25912755/wae2r29pu>

## Trabajo fotográfico

# Vulnerabilidade e visibilidade nas imagens do trabalho durante a pandemia: qual o valor do essencial?

**Guillermo Stefano Rosa Gómez\***

*Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/PPGAS/UFRGS).*  
[guillermorosagomez@gmail.com](mailto:guillermorosagomez@gmail.com)

“Na pesquisa etnográfica, a mediação do vídeo e a da fotografia, formas de representação que permitem a recriação de uma imagem de si mesmo e dos outros, é fundamental na produção de uma performance que atualiza uma memória simultaneamente individual e coletiva(...)” (Ferraz, 2009, p.24-25).

A pandemia do Covid-19 trouxe ao debate público uma categoria central e diretamente vinculada aos mundos do trabalho: *o essencial*. A essencialidade passou a ser importante aos olhos dos Estados-Nação (Scott, 1998) no momento de estruturação das políticas públicas de saúde, ou da ausência delas. Já no nível das críticas e narrativas cotidianas (Boltanski & Thévenot, 1999; Certeau, 1994), o essencial vem sendo uma palavra corrente nas formas de reivindicação e de entendimento sobre as diferenças e desigualdades.

Observada do ponto de vista da Antropologia (Segata, 2020), a pandemia deve ser compreendida a partir de um princípio dessa ciência: a diversidade. Não se pode falar em uma experiência única nos tempos pandêmicos, ou seja, percebemos que o fenômeno objetivo da crise sanitária foi vivido de maneira diferente, de acordo com amplo feixe de marcadores sociais e culturais.

Refletindo sobre a multiplicidade de experiências nos mundos do trabalho na América Latina durante a pandemia, tomo emprestado dos estudos sobre migração a metáfora da *hipervisibilidade* (Jardim, 2012). Com ela, busco fazer

\* Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Pesquisador do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/PPGAS/UFRGS).

referência ao que “saltou aos olhos” e que ficou evidente nas imagens do trabalho na pandemia: as diferenças na exposição ao risco e o aprofundamento da precariedade. Isso fica claro na medida em que se discute os setores da economia que “nunca pararam” (Soares, 2021) e quando se avalia a distribuição geográfica, a classe social, a raça e o gênero (Betim, 2021) como categorias que marcam as desigualdades dos impactos da pandemia na sociedade capitalista contemporânea.

A categoria de *trabalho essencial* traz embutida a contradição apontada pelo antropólogo David Graeber (Cf. Gómez, 2018) entre “valor” e “valores”, entre remuneração e importância social do trabalho e, principalmente, na ironia entre as condições de trabalho e risco que se submetem aquelas categorias de trabalho que são *indispensáveis* para o funcionamento das economias.

Não por acaso, os ensaios aqui apresentados convidam a pensar sobre o trabalho durante a pandemia como uma experiência visual, sensorial e subjetiva. Os ensaios convidam a olhar para algo que se escancarou ao olhar e meditam sobre esse paradoxo a partir de diferentes conceitos, tais como os de *importância*, *essencialidade*, *vulnerabilidade*, *dignidade*, entre outros que são desafios para a construção de narrativas visuais no contexto das Ciências Sociais.

Por ser *hipervisível*, a desigualdade nos mundos do trabalho durante a pandemia transcendeu, e muito, as análises de quem estuda o tema. As próprias trabalhadoras e trabalhadores tomaram a pandemia como argumento em suas reivindicações por melhores condições de vida. Essas pessoas tiveram de se adaptar ao contexto, se reorganizar, criar outras formas de interação social e de relação com a subjetividade e a objetividade do valor (Graeber, 2013). O ensaio que abre esta edição, “¡Unidad de las trabajadoras!': las trabajadoras domésticas remuneradas entre las desigualdades estructurales y los efectos de la pandemia”, situa o processo de acompanhamento etnográfico de um desses movimentos de trabalhadoras. Verónica Casas, incorporando o papel de “antropóloga-fotógrafa”, apresenta as lutas das trabalhadoras domésticas de Buenos Aires em sua indignação frente as “injustiças” (Dubet, 2014).

O *testemunho*, visual e narrativo, é recurso conceitual movido por María Susana Rosales Pérez no ensaio fotográfico intitulado “Narrar a las mujeres Trabajo y pandemia en una zona urbana de la Ciudad de México.” As imagens seguem os pequenos negócios de La colonia Algarín na Cidade do México, valorizando o trabalho das mulheres em suas estratégias cotidianas de organização laboral e “fazer possível a vida” (Díaz & Gago, 2018, p.77).

A interrelação entre cultura, economia e trabalho é o tema do ensaio “Sobre o protagonismo dos carregadores em tempos de COVID-19, no contexto da feira do açaí, em Belém (Brasil)”. O autor, Miguel Picanço, desdobra esses temas nas fotografias da cidade de Belém, buscando discutir o *protagonismo* como

noção que vai além do valor econômico e se espalha para a importância do produto que os carregadores levam nas costas – a fruta açaí – para a cultura local.

Concluimos o dossiê fotográfico com o ensaio de Tania Sosa Hidalgo, que assina “Lo esencial del trabajo en contingencia. Trabajadoras en los supermercados de Tijuana B.C. (México)”. A autora abre o ensaio com uma provocação: “todos vamos ao supermercado”, que permite pensar a ambiguidade do consumo, da necessidade e das intensidades de exposição ao risco. As fotografias estão convocando um desencaixe contraditório que é característica desse dossiê sobre trabalho em condições de pandemia: “hablan de las dificultades de un trabajo poco reconocido y sin embargo, a todas luces, esencial.”

Sempre que reflito sobre um conjunto de ensaios fotográficos reatualizo algumas questões que norteiam uma prática ética do saber antropológico na convergência da antropologia do trabalho com a antropologia visual. Qual o lugar e o papel das imagens nas *antropologias visuais do trabalho*? Defendemos (Rodrigues, et. al, 2020; Ferraz, 2020) que as imagens merecem um esforço para além de um uso acessório das imagens, no qual elas só comprovam o “estive lá” (Samain, 1995) ou decoram uma discussão teórica “elaborada”. Apostamos na capacidade das imagens de fazer pensar, provocar olhares, se abrir ao imaginário e proporcionar novos suportes de pesquisa e de interlocução com trabalhadoras e trabalhadores. Essa ideia se direciona ao incentivo a uma produção visual compartilhada com as comunidades pesquisadas (Cf. Dantas, 2020), na tessitura de relações nas quais a câmera não é um obstáculo, sendo, pelo contrário, “um incomparável estimulante” (Ferraz, 2009, p. 25).

## REFERÊNCIAS

- Betim, F. (2021, 19 de março). Radiografia da São Paulo que nunca parou durante a pandemia de coronavírus. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-19/radiografia-da-sao-paulo-que-nunca-parou-durante-a-pandemia-de-coronavirus.html>.
- Boltanski, L. & Thévenot, L. (1999). The sociology of critical capacity. *European Journal of Social Theory* 2(3): 359–377.
- Dantas, L. (2020). Radicalizando o Imaginário: Impactos das transformações do trabalho nas construções imagéticas de si de domésticas brasileiras. *Iluminuras* 21 (52). DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.101735>
- Dubet, F. (2014). *Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho*. Florianópolis: Editora UFSC.
- Ferraz, A.L.C. (2009). *Dramaturgias da autonomia: a pesquisa etnográfica entre grupos de trabalhadores*. São Paulo: Perspectiva.

- Ferraz, A.L.C. (2020). *O trabalho das Imagens. Iuminuras* 21. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.108605>
- Gómez, G.S.R. (2019). GRAEBER, David. Bullshit jobs: a theory. New York: Simon & Schuster, 2018. *Horizontes Antropológicos* 25 (54), pp. 367-371. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200016>
- Graeber, D. (2013).[Postscript] It is value that brings universes into being. *HAU: The Journal of Ethnographic Theory* 3 (2): 219–43.
- Jardim, D. (2012) Invisibilidade e hipervisibilidade dos muçulmanos no extremo sul do Brasil: os contornos da vida comunitária e os preceitos islâmicos em ato entre imigrantes de origem palestina. *ILHA* 14 (2), 119-138. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2012v14n1-2p119>
- Quiroga Díaz, N. & Gago, V. (2018). “Una mirada feminista de la economía urbana y los comunes en la reinención de la ciudad”. En. Bengoa & Corral (Orgs.) *Economía Feminista: Desafíos, propuestas, alianzas*. Buenos Aires: Madreselva.
- Rodrigues, F.; Gómez, G.; Dantas, L.; Rocha, M. (2020). O trabalho das imagens: apresentação. *Fotocronografias* 06 (13). Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/vol-06-num-13-2020-o-trabalho-das-imagens-d89bab93e3fe>
- Samain, E. (1995). “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos* 1 (2), 23-60.
- Scott, J. (1998). *Seeing Like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Segata, J. (2020). Covid-19, biossegurança e antropologia. *Horizontes Antropológicos* 26 (57), 275-313. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200010>.
- Soares, M. (2021, 5 de abril). Mortes entre caixas, frentistas e motoristas de ônibus aumentaram 60% no Brasil no auge da pandemia. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-05/caixas-frentistas-e-motoristas-de-onibus-registram-60-a-mais-de-mortes-no-brasil-em-meio-ao-auge-da-pandemia.html>